

A economia política clássica sob a ótica de Karl Marx: apontamentos sobre história do pensamento econômico

Carla Curty¹

Área: 1. Metodologia e História do Pensamento Econômico

Sub-área: 1.2. História do Pensamento Econômico

Classificação JEL: B0; B14; B12; B51

Artigo submetido às Sessões Ordinárias

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar os principais elementos do método em história do pensamento econômico utilizado por Karl Marx em diversas de suas obras, de maneira a destacar a relevância da abordagem em história do pensamento econômico desenvolvida por Marx. Além disto, pretende-se resgatar a obra “*Teorias da mais-valia*”, o livro IV de “*O Capital*” – obra considerada fundamental para o estudo no campo da história do pensamento econômico e que é pouco difundida e debatida. Por fim, através da análise de seus estudos sobre a economia política clássica – considerada uma das três fontes da obra de Marx – pretende-se expor os elementos que caracterizam esta abordagem.

Palavras-chave: história do pensamento econômico; Karl Marx; economia política clássica

Abstract: The purpose of this paper is to present the main elements of the method in history of economic thought used by Karl Marx in several of his works, in order to highlight the relevance of the approach in history of economic thought developed by Marx. Furthermore, it is intended to redeem the book “*Theories of Surplus Value*”, the book IV of “*Capital*” – a work considered crucial to the study in this field of history of economic thought which is little known and discussed. Finally, through the analysis of his studies of classical political economy – considered one of the three sources of Marx’s work – it is intended to expose the elements that characterize this approach.

Key words: history of economic thought; Karl Marx; classical political economy

¹ Pesquisadora do Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (LEMA - IE/UFRJ) e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/IE/UFRJ). A autora agradece aos imprescindíveis comentários de Maria Malta e Larissa Mazolli, sem responsabilizá-las em nenhuma medida por qualquer erro ou omissão que tenha permanecido no texto. Correio eletrônico: carla_curty@yahoo.com.br

A economia política clássica sob a ótica de Karl Marx: apontamentos sobre história do pensamento econômico

I – Introdução

Há um amplo debate na tradição marxista acerca do método utilizado por Karl Marx. Muito já foi escrito, debatido e analisado acerca do que seriam as características e implicações do chamado *método materialista histórico dialético*². No entanto, um aspecto muito interessante e importante da obra de Karl Marx e de seu método – mas pouco difundido e debatido – é sua análise no campo da história do pensamento econômico (HPE). Considera-se que o método em história do pensamento econômico desenvolvido por Karl Marx possui ampla relação com seu método, sendo um aspecto muito relevante de sua obra.

É importante destacar que o pensamento de Karl Marx foi construído com base em três fontes – a filosofia alemã, o socialismo francês e a economia política inglesa. O constante diálogo crítico de Marx com estes três campos permeia toda sua obra e é fundamental para a construção de suas próprias teorias. Esta percepção da origem das três fontes do pensamento de Marx foi difundida por Vladimir Lênin em seu célebre texto “*As três fontes*” (2006 [1913]).

Este artigo tem suas atenções voltadas para a questão da análise acerca da economia política inglesa na obra de Marx.

Conforme destacam Malta e Castelo (2012, p. 85), a partir do contato de Marx com a obra de Friedrich Engels intitulada “*Esboço de uma Crítica da Economia Política*” (publicado no primeiro e único número dos “*Anais Franco-Alemães*”, de fevereiro de 1844) as reflexões de Marx acerca do objeto da economia política se intensificaram e seguiram sendo um dos principais elementos constitutivos de sua análise e crítica. O processo de estudo crítico da economia política inglesa realizado por Karl Marx consistia no extenso e intenso estudo dos seus textos e, no processo deste estudo, foram escritos diversos manuscritos com comentários, resenhas e anotações com as impressões de Marx acerca da obra dos economistas políticos. Estes manuscritos

² Pode ser chamado também de método materialista dialético, no entanto, considera-se que o caráter histórico do método de Marx seja um elemento fundamental.

serviram de base para a redação das mais variadas obras de Marx no campo da crítica na economia política, podendo-se destacar como exemplos: “*O Capital: crítica da economia política*”, “*Contribuição à crítica da economia política*”, “*Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*”, entre outras. Dentre estas obras, “*Teorias da mais-valia*” talvez seja uma das menos estudadas e difundidas. O pouco conhecimento e esparsa difusão desta obra possui diversas possíveis razões, muitas delas ligadas à maneira como esta obra chega à publicação – conforme será revelado ao longo deste artigo. A título de introdução cabe destacar que esta obra é a compilação dos principais manuscritos de Marx acerca dos estudos dos economistas políticos e que sua intenção original era publicá-la como parte do amplo projeto dos diversos volumes de “*O Capital*” – mais especificamente, seria o seu quarto livro.

Neste sentido, um estudo acerca da análise no campo da história do pensamento econômico realizada por Karl Marx passa pelo extenso estudo destas obras, com especial ênfase ao estudo da obra “*Teorias da mais-valia*”. Ainda que Marx não tenha escrito um texto de síntese de seu método em história do pensamento econômico, considera-se possível extrair da análise de Marx acerca das obras dos economistas de sua época e anteriores que se encontra nestas obras algumas características deste método.

O objetivo deste artigo é apresentar breves apontamentos acerca da questão do método em história do pensamento econômico desenvolvido por Karl Marx, assim como apresentar elementos da visão de Marx acerca da economia política clássica, como forma de explicitar este método em questão.

Por fim, cabe apresentar a estrutura formal do artigo. O artigo encontra-se dividido em quatro partes para além desta introdução e das referências bibliográficas. Estas partes são compostas por uma análise acerca da obra “*Teorias da mais-valia*”, seguida por uma seção com apontamentos sobre a análise de história do pensamento econômico em Karl Marx, uma outra seção com apontamentos acerca da visão de Marx sobre a economia política clássica e, por fim, as considerações finais deste artigo.

II – Uma digressão a respeito da obra “*Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*”

Karl Marx não escreveu uma obra especificamente acerca do método, muito menos acerca de seu método em história do pensamento econômico. No entanto, é possível pinçar da obra de Marx uma sistematização deste método. Muitos trabalhos já foram escritos acerca do método em Karl Marx, sendo este campo de estudos um dos mais abrangentes na tradição marxista.

O enfoque deste artigo não reside na análise do método em Marx, mas sim, na análise do método em história do pensamento econômico desenvolvido e utilizado por este autor. Busca-se no livro “*Teorias da mais-valia – História crítica do pensamento econômico*” as características desta análise em história do pensamento econômico.

Parte-se do pressuposto de que este método está em total sintonia com o método materialista histórico dialético utilizado por Karl Marx³, considerando-se que o desenvolvimento da análise desta sintonia além do escopo deste artigo. Cabendo neste trabalho destacar que a contribuição em história do pensamento econômico de Marx segue seu método e é parte constituinte dele, já que a análise de história do pensamento econômico de Marx constitui o seu trabalho de formulação de uma interpretação crítica ao capitalismo, através da análise aprofundada dos diversos autores e as diversas análises da realidade capitalista expressa pelos teóricos que constituíram a economia política, Marx pode apreender o mundo no qual vivia e analisava.

Acerca da natureza da obra “*Teorias da mais-valia*”, Reginaldo Sant’anna – tradutor da edição brasileira – afirma:

“*Teorias da mais-valia*” da forma como fora publicada, é em essência uma obra fragmentária, resultado dos esboços de estudo de Marx, não uma obra já terminada, preparada para publicação. É, na verdade, resultado de um “imenso manuscrito econômico elaborado por Marx, de 1861 a 1863, e composto dos cadernos I a XXIII, com páginas seguidamente numeradas de 1 a 1472”

“a parte maior e mais elaborada do manuscrito, e compreende os cadernos VI a XV e XVIII, além de mais de umas quarenta páginas espalhadas pelos cadernos XX, XXI, XXII e XXIII”

(Sant’anna, 1980, *Nota do tradutor*, In: Marx, Karl. *Teorias da mais-valia*, 1980 [1905], p. 10).” (*ibid. id.*, p. 10).

O fato desta obra consistir em uma reunião de manuscritos não quer dizer que Marx não tinha intenção de publicá-la, muito pelo contrário. Esta parte de seus estudos

³ A respeito da questão do método em Karl Marx ver as seguintes obras de referência: TEIXEIRA (2000), MALTA e CASTELO (2012), NETTO (2011) e IASI (2007).

– a mais extensa dos manuscritos – seria o quarto livro de “*O Capital*” – o último a ser publicado. No entanto, Marx faleceu antes que seu projeto editorial pudesse ser concluído. Marx só vivenciou a publicação do primeiro livro de sua obra. Os livros 2 e 3 foram organizados e publicados por Friedrich Engels, de maneira a seguir fielmente as intenções originais de Marx. Enquanto que a publicação de “*Teorias da mais-valia*” foi realizada por Karl Kautsky entre os anos de 1905 e 1910. Conforme destaca Reginaldo Sant’anna (1980), esta publicação é cercada de polêmicas.

“Com o tempo evidenciaram-se certas falhas na reprodução do manuscrito, como, por exemplo: mudanças na arrumação dos assuntos, indicada por Marx; erros de interpretação, em virtude das dificuldades de decifrar a letra de Marx; supressões injustificáveis de passagens do manuscrito; erros de tradução para o alemão, de passagens em outras línguas; alteração da terminologia empregada por Marx. Kautsky não levou em conta o índice que Marx escrevera nas capas dos cadernos e que permite entender melhor a disposição das diversas partes da obra; assim, afastou-se da orientação marxiana de ordenar as idéias segundo o estágio que ocupam no desenvolvimento do processo histórico, ordenação que não coincide necessariamente com a cronologia dos Autores e obras considerados.” (*ibid.*, *id.*, p. 11)

Dados estes problemas, pesquisadores da então União Soviética se debruçaram sobre os manuscritos durante a década de 1950, com o intuito de republicar a obra de acordo com as intenções originais de Marx. O resultado desta empreitada foi publicado entre os anos 1954 e 1961 em russo e entre 1956 e 1962 em alemão. A versão que serviu de base para a tradução brasileira foi uma versão alemã posterior – de 1974 – que, segundo Sant’anna “se beneficiou de melhoramentos feitos depois de um confronto do texto editado em 1956 a 1962 com os originais de Marx” (*ibid.*, *id.*, p. 12). Estas polêmicas que permeiam a publicação da obra talvez sejam alguns dos aspectos que expliquem a sua pouca difusão.⁴

Independentemente da polêmica acerca de sua publicação, considera-se que “*Teorias da mais-valia*” seja a obra em que Marx realiza, de fato, um trabalho em história do pensamento econômico e que, portanto, para uma análise neste campo, faz sentido resgatá-la e analisá-la com cuidado.

Reginaldo Sant’anna diz que Marx “Considerava *Teorias da mais-valia* a parte histórico-crítica de *O Capital*.” (*ibid.*, *id.*, p. 9). Considera-se, portanto, que é nesta obra

⁴ Para maiores comentários acerca dos motivos para o pouco conhecimento e difusão da obra “*Teorias da mais-valia*”, ver MALTA e CASTELO (2012).

que se pode encontrar espaço para a observação do método utilizado – e desenvolvido – por Marx para seus estudos neste campo, um método crítico no âmbito da história do pensamento econômico.

A partir dos estudos⁵ dos autores contemporâneos e predecessores, Marx expôs os principais elementos de sua análise do capitalismo, de forma a explicitar a incorporação destes estudos em sua formulação teórica e expondo também seu método em história do pensamento econômico.

Considera-se um passo importante para a compreensão do movimento geral realizado por Marx a compreensão de seu método em história do pensamento econômico, afinal, o método de Marx em história do pensamento econômico segue a linha de seu método de estudo como um todo, isto é, conforme destacado por Reginaldo Sant’anna, o método materialista, histórico e dialético:

“Em Marx, as relações econômicas fazem parte da estrutura e do desenvolvimento social, de acordo com sua concepção da história, teoria abrangente que procura desvendar a interação dos diversos fatores sociais em sua evolução e transmutações. Para chegar a esses resultados, Marx aplica seu método dialético, que transparece nas suas pesquisas sobre os problemas econômicos e sociais.” (*ibid.*, *id.*, p. 10)

III – Apontamentos acerca da análise no campo da história do pensamento econômico em Karl Marx

Ao longo de sua produção teórica, Karl Marx apresentou diversos apontamentos e estudos acerca da história do pensamento econômico desenvolvida até sua época. Conforme destacam Malta e Castelo (2012, p. 85), a partir do contato de Marx com a obra de Friedrich Engels intitulada “*Esboço de uma Crítica da Economia Política*” (publicado no primeiro e único número dos “*Anais Franco-Alemães*”, de fevereiro de 1844) as reflexões de Marx acerca do objeto da economia política se intensificaram e seguiram sendo um dos principais elementos constitutivos de sua análise e crítica. A respeito do papel da economia política na construção das formulações e estudos de Marx é importante destacar a formulação feita por Vladimir Lênin (2006 [1913]), na

⁵ Estes estudos foram a base para o desenvolvimento e formulação de todos os volumes da sua obra “*O Capital*”. Nas palavras de Sant’anna: “ao analisar e criticar as teorias de seus predecessores e contemporâneos, Marx formula suas próprias teorias, em contraposição” (*ibid.*, *id.*, p. 9).

qual o pensamento de Marx teria sido constituído por três fontes: a filosofia alemã, o socialismo francês e a economia política inglesa. O constante diálogo crítico de Marx com estes três campos permeia toda sua obra e é fundamental para a construção de suas próprias teorias.

Neste sentido, a análise de Marx acerca da história do pensamento econômico, isto é, a análise e crítica de Marx às teorias e formulações da economia política (seus predecessores e contemporâneos) é parte fundamental da sua própria análise da sociedade capitalista (seu objeto de análise em última instância).

Conforme destacado por Reginaldo Sant'Anna, na nota do tradutor à edição brasileira (1980) do livro "*Teorias da mais-valia* (também publicadas sob o título de "*Uma história do pensamento*"), o estudo (analítico e crítico) feito por Marx das teorias econômicas formuladas nos períodos anteriores e também contemporâneos aos seus escritos, ou seja, seu estudo e formulação em história do pensamento econômico, não pode ser dissociado do pensamento e da obra de Marx, sendo parte constitutiva fundamental. O tradutor também cita Engels para reforçar essa idéia, afirmando que Engels destacava o empenho de Marx "em determinar 'onde, como e por quem foi, pela primeira vez expresso um pensamento econômico emergido no curso do processo histórico'" (SANT'ANNA, 1980, p. 9).

De acordo com Malta e Castelo (2012, p. 85-86), as análises de Karl Marx acerca da economia política e também suas próprias formulações críticas, foram realizadas com base em um intenso e meticuloso estudo da literatura econômica de seu período, das obras dos autores europeus de várias gerações entre os séculos XVII e XIX⁶. Uma forma de perceber alguns reflexos desses estudos é observar atentamente ao longo de todos os volumes de "*O Capital*" as diversas referências, citações e notas de rodapé a estes inúmeros autores.

Nas palavras de Sant'Anna, é "possível estabelecer relações e comparações entre suas teorias e as dos demais economistas, o que permite um conhecimento e uma avaliação mais seguros de suas idéias e proporciona capacidade maior de compreensão dos demais livros de *O Capital*." (SANT'ANNA, 1980, p. 9).

⁶ Nos manuscritos dos anos 1861 à 1863 Marx expôs seus extensos e intensos estudos dos autores predecessores e contemporâneos no campo da economia política e que serviram, posteriormente, de base para a edição dos livros 2 e 3 de "*O Capital*", assim como para a edição de "*Teorias da Mais-Valia*".

Isaak Rubin destaca em seu livro “*History of Economic Thought*” (“*História do Pensamento Econômico*”)⁷ (1979 [1929]) a importância do extenso e intenso estudo de Marx acerca dos pensadores econômicos de então

“O tratamento atento e paciente que Marx deu a seus predecessores não é para ser tomado como um capricho diletante de um especialista em escritos econômicos antigos, (...) mas como o caminho de acesso ao seu laboratório do pensamento” (RUBIN, 1979 [1929], p.12).”

(...) “cada breve referência a Smith, Ricardo ou outro economista que Marx distribuiu entre as notas de rodapé de *O Capital*, é um resumo parcimonioso de pesquisas altamente detalhadas contidas naquela obra (...), o que as faz parte orgânica de seu texto” (*ibid.*, *id.*).

“Sem esse tipo de análise teórica detalhada, nenhuma história do pensamento econômico jamais poderia cumprir a função que temos o direito de esperar dela, a saber, agir como um guia fidedigno de nosso estudo da teoria da Economia Política. Pois não analisamos as doutrinas de Smith apenas para vislumbrarmos uma página viva da história da ideologia social, mas porque isso nos permite alcançar uma compreensão mais profunda dos problemas teóricos.” (*ibid.*, *id.*)

Percebe-se que ao longo da produção teórica de Marx, e também na construção de seu método de estudo encontra-se muitos dos principais elementos de sua análise em história do pensamento econômico, sendo indissociável o processo de construção e formulação das idéias de Marx do seu estudo dos pensadores de sua época e seus predecessores. “*Teorias da Mais-Valia*” seria “por excelência, uma história crítica do pensamento econômico” (SANT’ANNA, 1980, p. 9) podendo ser considerada, portanto, a principal obra que revela a abordagem de Marx para a história do pensamento econômico.

A abordagem realizada por Marx no campo da história do pensamento econômico pode ser compreendida no âmbito crítico, diferenciando-se fortemente do que é entendido na visão tradicional da HPE. De acordo com Ricardo Tolipan (1982a), a visão tradicional da HPE a enxerga como “curiosidade de eruditos”, relato conclusivo de “erros passados”, sendo considerada, até mesmo, “um apêndice incômodo que precisa ser neutralizado”.

⁷ Uma das principais obras de análise da abordagem em história do pensamento econômico realizada por Marx, dedicada, em especial, ao estudo e análise do livro “*Teorias da Mais-Valia*”.

“A divulgação acadêmica da História do Pensamento Econômico é, quando não simplesmente evitada, reduzida à celebração póstuma do gênio, isto é, à descrição eclética e pontificante das circunstâncias que acompanham e ‘explicam’ o surgimento das idéias; seu relato histórico. Isto tem uma curiosa consequência prática: o relato enciclopédico da origem das idéias exige, como qualidade fundamental de quem o pratica, a erudição. Ora, esta é também fruto de um processo que ‘toma tempo’, daí ser o economista-velho, o professor ideal para esta cadeira. Ele teve tempo para a erudição, nada mais natural que se ‘especialize’ no passado. Além disto, sua erudição é um ‘algo mais’ inessencial que pode agora ser aproveitado enquanto tal. O economista jovem não tem este direito, pois a vida intelectual ativa deve estar dedicada não à ruminação do passado, mas à confecção animada de algum detalhe futuro na base segura das especializações presentes. E apenas ao final (mito retrospectivo) de uma vida produtiva que se ganha o direito ao ‘relato histórico’.” (TOLIPAN, 1988, p. 22)

Tolipan em sua tese de professor titular (1988) destaca que a visão tradicional da HPE acaba relegando-a à posição secundária no campo teórico, sendo, inclusive, considerada tarefa exclusiva de “relato histórico” de professores (e teóricos) mais velhos, tornando, dessa forma, impossível a realização de formulações originais e expressivas neste campo, o que seria um outro grande equívoco da visão tradicional da história do pensamento econômico.

“O fundamental é que se exclui a possibilidade, seja no economista novo ou no velho, de uma atividade produtiva no âmbito da História do Pensamento: este é outro engano da visão oficial. A História do Pensamento não deve ser a câmara mortuária em que se incensa o mito finalista da Ciência. Ao contrário, deve ser o estímulo acadêmico à imaginação teórica e à crítica irônica do dogma e deve para isto analisar o modo de construção da ciência. Isto é produtivo, obriga a pensar o que foi pensado; como viu Montaigne, no mundo das idéias o novo raras vezes é mais que um comentário atual do velho.” (*ibid.*, p. 23)

A análise da história do pensamento econômico a partir do ponto de vista crítico considera que “o estudo da História do Pensamento seria uma análise de como uma ciência produz seu futuro – de como evolui sua fronteira – ao invés de uma descrição de seu passado.” (Tolipan, 1988, p. 4).

Conforme Malta e Castelo (2012, p. 98) concluem em seu artigo “*Marx e a história do pensamento econômico: um debate sobre método e ideologia*”

“Nesse sentido, a proposta de leitura da história do pensamento econômico por Marx é parte essencial de sua construção crítica. Estudar a forma de apreensão da realidade capitalista expressa pelos cientistas sociais de sua época era o caminho de acesso à compreensão histórica dos problemas de sua época. Sem abrir mão de ser um homem do seu tempo, Marx introduz a contradição no pensamento dominante com que se confrontara e constrói uma síntese única que se expressa em sua forma de interpretação das relações sociais vigentes.”

Logo, a abordagem de Marx para a história do pensamento econômico pode ser considerada uma obra exemplar desta análise crítica, visto que Marx formula suas conclusões e interpretações acerca da economia e sociedade capitalista a partir de seu estudo da história do pensamento econômico desenvolvido até então, buscando ir além da simples compreensão da formulação das análises dos demais teóricos a partir, somente, de sua lógica interna, mas também buscou compreender o processo de formulação destas teorias, de forma a identificar seus limites – fazendo, posteriormente, a crítica – e levando em consideração os ambientes sociais específicos nos quais foram formuladas, o contexto que levaram seus autores a desenvolvê-las, isto é, considerando *a visão social de mundo*⁸ originária dos autores para formulação de suas interpretações da sociedade capitalista e de seus fenômenos.

Para Marx, o método de estudo do pensamento econômico (assim como de qualquer pensamento) consiste em considerar o pensamento como uma síntese (inseparável) da observação da realidade histórica e visão de mundo sob a qual esta observação se realiza.

Conforme Dobb (1977 [1973]) destaca, Marx ao enfatizar a importância da incorporação de questões ligadas à visão social de mundo, questões, portanto, ligadas ao

⁸ Existe um amplo e polêmico debate em torno da questão da ideologia, em especial dentro do campo marxista. Para não fugir do escopo deste artigo, será utilizado o termo “*visão social de mundo*” para abordar as questões referentes ao campo da ideologia. Como “*visão social de mundo*” segue-se a definição de Michael Löwy (1985, p. 13) que a compreende como “*todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, de um ponto de vista social, de classes sociais determinadas.*”

campo da ideologia, segue, um caminho diferente do tradicionalmente abordado neste campo teórico.

Muitos autores, em especial Joseph Schumpeter ([1954] 1964), consideram que seja necessário separar a análise pura da teoria econômica de quaisquer elementos que possam carregar consigo tendências e matizes ideológicos, podendo haver assim elementos neutros e objetivos de análise puramente formal. O que se tenta destacar aqui é que esta afirmação não se sustenta, – “a menos que a primeira se limite à estrutura formal, unicamente de afirmação econômica, e não à teoria econômica como afirmação substancial sobre as relações reais da sociedade econômica” (DOBB, 1977 [1973], p. 52, *sic.*). Conforme é possível perceber na abordagem apresentada por Marx esta distinção torna-se sem sentido, afinal, levando-se em consideração o método de Marx, a teoria econômica se debruça sobre as relações reais da sociedade, de maneira que enquanto a análise desta realidade e de sua substância é desenvolvida a “intuição histórica, a perspectiva e a visão social” (*ibid.*, p. 34) embebem todo o processo, influenciando a própria análise do teórico⁹. Conforme Dobb destaca,

“Na história real do pensamento econômico há provas abundantes do condicionamento histórico da teoria econômica, tratada como um sistema mais ou menos socialmente integrado, em qualquer momento, como tentaremos mostrar adiante. Visto que se trata essencialmente duma ciência aplicada, intimamente associada a juízos e avaliações de sistemas e políticas reais, não há motivo para grande surpresa: de facto, seria mais surpreendente não se encontrar nenhum vestígio desse condicionamento social. Por outro lado, isto é verdadeiro mesmo quanto ao pensamento econômico mais abstracto, e quanto aos sistemas mais formalizados, que ao serem examinados acabam por exprimir de maneira surpreendentemente considerável na

⁹ Aqui é importante fazer uma observação acerca do grau de autonomia relativa da visão social de mundo de determinado teórico e sua formulação.

“Isto não significa, evidentemente, que qualquer distorção ou parcialidade desse tipo faça parte da intenção consciente do criador do modelo, que na realidade pode tê-lo escolhido por razões puramente formais, porque o considerou intelectualmente engenhoso ou esteticamente agradável. Mas na medida em que é influenciado pelas suas implicações econômicas – isto é, na medida em que está a procurar ser um economista – a forma e projeção desse modelo serão influenciadas pela sua visão do processo econômico, e pelas condições sociohistóricas que determinam e limitam a sua imagem mental da realidade social, sejam elas quais forem.” (DOBB, 1977 [1973], p. 17, *sic.*)

Acerca da subjetividade no processo de formulação teórica, ver também as páginas 28 a 30 da mesma obra de Maurice Dobb.

política real (quando não a alteram). Isto levanta a questão de saber como e porque deve ser assim: a forma e os modos deste condicionamento social e histórico do pensamento abstracto.” (*ibid*, p. 27-28, *sic*.)

“Apesar daquilo que fomos levados a esperar *a priori*, a história da economia política, desde o seu início, fornece abundantes provas de como a formação da teoria económica esteve estritamente (e mesmo conscientemente) associada à formação e defesa duma determinada política. Embora às doutrinas da escola clássica fossem muito abstractas, especialmente na forma que lhes foi dada por Ricardo (a quem Bagehot chamou ‘o verdadeiro fundador da Economia Política abstracta’), estiveram muito estreitamente relacionadas com problemas práticos do seu tempo, conforme veremos. Por outro lado, apreciar esta relação, e observar essas teorias à luz dos problemas políticos a que procuravam responder, é um elemento essencial para compreender a sua intenção e o seu objectivo principal.” (*ibid.*, p. 35, *sic*.)

Percebe-se nestas citações que as formulações no campo da teoria económica são inseparáveis de elementos ligados à visão social de mundo, logo, realizar uma análise em história do pensamento económico consiste em compreender o espaço concreto, a realidade económica estruturada em cada tempo histórico no qual as idéias são criadas. Afinal, essas idéias “são a expressão intelectual das relações sociais vigentes com todas as contradições e as influências herdadas da história, cuja dinâmica é dada fundamentalmente pela luta de classes.” (MALTA *et alli*, 2011, p. 34)

“De um ponto de vista histórico, as doutrinas e idéias económicas podem ser incluídas entre as mais importantes e influentes formas de ideologia. Como em outras formas de ideologia, a evolução das idéias económicas depende diretamente da evolução das formas económicas e da luta de classes. As idéias económicas não nascem no vácuo. Frequentemente, elas surgem diretamente da agitação dos conflitos sociais, do campo de batalha entre diferentes classes sociais. Nessas circunstâncias, os economistas agiram como escudeiros dessas classes, fornecendo-lhes as armas ideológicas necessárias para a defesa dos interesses de grupos sociais particulares – muitas vezes deixando de se preocupar com desenvolver sua própria obra e de dar a ela uma fundamentação teórica mais aprofundada.” (RUBIN, 1979 [1929], p. 9)

A visão de mundo – conforme é possível observar nesta citação de Rubin – é parte fundamental da formulação e do desenvolvimento das teorias económicas, sendo, “possível caracterizar e classificar teorias económicas (...) conforme o modo como

descrevem a estrutura e raízes da sociedade económica, conforme o significado desse modo de descrever para o julgamento histórico e a prática social contemporânea” (Dobb, 1977 [1973], p. 52, *sic.*). A visão de mundo do autor é, portanto, elemento indissociável de uma consistente análise da história do pensamento económico.

Dentro do movimento de caracterização da análise em história do pensamento desenvolvido por Marx é importante destacar o processo histórico e sua influência para a formulação teórica. Para Marx é fundamental fazer referência à história do tempo de determinado autor, inserindo-o no movimento histórico em que viveu e produziu suas teorias. A história possui, para Marx em sua abordagem em história do pensamento económico, um duplo papel: por um lado, serve de limite para sua observação e também de base para sua visão teórica e visão de mundo, afinal, do ponto de vista materialista, alguém só pode responder a questões que lhe são colocadas pelo seu próprio tempo histórico, sua visão é, portanto, referida historicamente. Nas palavras do próprio Marx:

“Para observar a conexão entre a produção intelectual e a material, é mister antes de tudo apreender esta não como categoria geral, mas em forma *histórica definida*. Assim, por exemplo, ao modo de produção capitalista corresponde produção intelectual de espécie diferente daquela do modo de produção medieval. Se não se concebe a própria produção material da forma *histórica específica*, é impossível entender o que é característico na produção intelectual correspondente e a interação entre ambas. Fora disso, fica-se em lugares comuns. O que inclui a retumbante palavra ‘civilização’.

E mais: da forma específica da produção material resulta: 1) determinada estrutura da sociedade e 2) determinada relação dos homens com a natureza. As duas determinam o governo e a visão intelectual dos homens. Em consequência, também o gênero da produção intelectual.” (MARX, 1980 [1905], volume I, p. 267, *itálicos originais do autor*)

Esta contextualização do período histórico do autor estudado, suas origens, o local onde escreve e os debates políticos, sociais e económicos que permeiam suas teorias é um passo fundamental para uma análise em história do pensamento económico a partir do método em história do pensamento económico desenvolvido por Marx.

Em suma, é possível afirmar que abordagem para analisar a história do pensamento económico desenvolvida por Marx tem como elemento fundamental a compreensão do pensamento económico como um elemento indissociável entre a

análise da realidade histórica e a visão de mundo sobre a qual esta análise é feita. A construção da história do pensamento econômico seria, portanto, um processo de compreensão das formas de apreensão da realidade econômica estruturada em cada tempo histórico específico, substancialmente influenciada e determinada pelos valores sociais desta época específica. Desta forma, a presença dos elementos históricos, sociais, políticos e ideológicos não pode ser ignorada no processo de formulação teórica em economia. Assim, realizar estudos em história do pensamento econômico significa compreender as diversas interpretações e formulações econômicas de acordo com seu tempo histórico, seus elementos ideológicos e seus valores.

Feita esta breve análise acerca do método em história do pensamento econômico desenvolvido por Marx e suas características, parte-se para uma análise deste método, através da exposição da visão de Marx sobre a economia política clássica.

IV – Apontamentos acerca da visão de Marx sobre a economia política clássica

O termo *economia política clássica*¹⁰ foi a designação cunhada por Marx para os autores do campo da economia política na Grã-Bretanha, com destaque para Adam Smith e David Ricardo. Para Marx, estes autores desenvolveram formulações e interpretações acerca da nascente sociedade capitalista de forma cientificamente comprometida, levantando questões de grande relevância para compreensão daquela realidade, buscando os fenômenos que observavam e identificando neste processo “contradições nas relações sociais e no próprio pensamento por eles construído, enfrentando as dificuldades de se produzir ciência” (Malta e Castelo, 2012, p. 96).

Nas palavras do próprio Marx:

“no meu entender, economia política clássica é toda a economia que, desde W. Petty, investiga os nexos causais das condições burguesas de produção, ao contrário da economia vulgar, que trata apenas das relações aparentes, rumina, continuamente, o material fornecido, há muito tempo, pela economia científica, a fim de oferecer uma

¹⁰ Conforme citado anteriormente neste artigo, a economia política clássica inglesa foi uma das chamadas três fontes do pensamento de Marx identificadas por Lênin.

explicação plausível para os fenômenos mais salientes, que sirva ao uso diário da burguesia, limitando-se, de resto, a sistematizar pedantemente e a proclamar como verdades eternas as idéias banais, presunçosas, dos capitalistas sobre seu próprio mundo, para eles o melhor dos mundos.” (MARX, 2006 [1867], livro 1, volume I, nota de rodapé número 32, p.103)

Marx enfatizava a diferença entre os economistas clássicos e os chamados *economistas vulgares*, dando destaque na história do pensamento econômico para a obra dos clássicos, em detrimento dos vulgares. Os vulgares teriam surgido num período de declínio do pensamento burguês. Conforme Ronald Meek (1971 [1967]) destaca, “Marx, de modo geral, sustentou que o desenvolvimento dos elementos realmente científicos na Economia Política foi interrompido em 1830 e que, daí em diante, começaram a predominar a superficialidade e a apologética.” (p. 256).

Acerca do surgimento dos economistas vulgares e de sua forma de compreensão da economia, Marx apresentou sua análise de forma fortemente crítica e não fez nenhum tipo de concessão, expondo o aspecto oportunista e não-científico com o qual os vulgares apresentavam suas idéias, tal como pode ser observado na seguinte citação:

“Não interessava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro ou não; mas importava saber o que, para o capital, era útil ou prejudicial, conveniente ou inconveniente, o que contrariava ou não a ordenação policial. Os pesquisadores desinteressados foram substituídos por espadachins mercenários, a investigação científica imparcial cedeu lugar à consciência deformada e às intenções perversas da apologética.” (MARX, Posfácio da segunda edição de *O Capital*, Marx, Londres, 24 de janeiro de 1873, In: *O Capital*, 2006 [1867], livro 1, volume I, p. 11)

Sobre a caracterização feita por Marx para a economia política clássica é importante ressaltar que, ainda que elogiasse os economistas clássicos – identificando seus avanços teóricos e, até mesmo, incorporando algumas de suas análises – seu estudo da história do pensamento da economia política era um estudo crítico. Marx identificava no raciocínio daqueles autores falhas de origem, pois não “estavam interessados em verificar como cada uma daquelas formas sociais que estudavam haviam se materializado da exata maneira em que se apresentavam para eles” (Malta e Castelo, 2012, p. 97). Pode-se dizer que uma das maiores críticas de Marx aos clássicos era a naturalização dos fenômenos do capitalismo.

“a falha dos economistas clássicos era que não concebiam a *forma básica do capital*, isto é, a produção desenhada para se apropriar do trabalho de outras pessoas, como uma forma *histórica*, mas como uma forma *natural* da produção social; a análise levada a frente pelos próprios economistas clássicos acabou por pavimentar o caminho para a refutação desta concepção.” (MARX, 1980 [1905], volume III, p. 1538, *itálicos originais do autor*)”

Os autores clássicos foram, na opinião de Marx, os que melhor compreenderam a essência do capitalismo dentre os demais autores contemporâneos ou anteriores. Perceberam os movimentos reais e concretos que caracterizam a sociedade capitalista, de forma a dar destaque a questões essenciais, como a produção. No entanto a forma como analisavam o capitalismo era fruto de enorme discordância e crítica por parte de Marx. Ao analisar os elementos concretos e aparentes da sociedade capitalista, os clássicos identificaram no capitalismo o momento de plena expressão da natureza humana, o ápice do desenvolvimento da sociedade. Isto é, para os clássicos, o capitalismo seria o estágio de maior avanço e desenvolvimento possível. Suas características seriam as características que explicariam a verdadeira natureza humana. Sua estrutura e seus processos seriam os elementos normatizadores da sociedade. Dessa forma, explicar a economia capitalista significaria explicar todo o processo histórico da humanidade, em especial, explicar a forma como a sociedade deveria se organizar e estruturar.

Marx discordava radicalmente desta caracterização feita pelos clássicos. Para Marx, os movimentos e características do capitalismo seriam elementos de um momento histórico específico – o período que ele chamou de *modo de produção capitalista* – com características historicamente construídas, não havendo, portanto, sentido em considerar este período o exemplo de normatização para o comportamento de toda a sociedade nos períodos históricos posteriores, tão pouco devendo ser entendido como reflexo de uma natureza humana. Para Marx, esta caracterização da sociedade burguesa como a norma da sociedade revela o caráter burguês dos autores clássicos. Esta visão de mundo burguesa – “horizonte burguês de análise” –, portanto, condicionaria a análise dos clássicos. Ricardo Tolipan apresentou sucintamente esta questão:

“Deste ponto de vista, o formalismo apresentado corresponde a uma teoria geral da sociedade capitalista percebida como fato econômico. Uma característica fundamental desta teoria é que ela toma conta como dadas as categorias que formam esta sociedade econômica como evento específico na história, o que implica sua incapacidade congênita de pôr a questão da origem destas categorias tanto no real quanto na reflexão teórica. Esta impossibilidade foi apresentada por Marx como a capacidade de romper o ‘horizonte burguês de análise’, querendo com isto dizer que há um duplo limite ao raciocínio economista. Tanto ele incapaz de apreciar movimentos do real para além da estrutura prática capitalista, o que lhe impõe a idéia de que a sociedade burguesa é uma natureza, quanto ele é incapaz de ver isto como problema, isto é, a apreensão da sociedade burguesa como natureza se dá naturalmente: ela faz parte crucial do projeto científico dos economistas clássicos. (Tolipan, 1982b, p. 8)

Marx destaca esta naturalização das instituições da burguesia em diversas passagens de sua obra, por exemplo:

“ ‘Os economistas têm uma maneira de proceder singular. Para eles só há duas espécies de instituições, as artificiais e as naturais. As do feudalismo são instituições artificiais; as da burguesia, naturais. Equiparam-se, assim, aos teólogos, que classificam as religiões em duas espécies. Toda religião que não for a sua é uma invenção dos homens; a sua é uma revelação de Deus. – Desse modo, havia história, mas, agora, não há mais.’ (Karl Marx, *Misère de la philosophie. Réponse à la philosophie de la misère de M.Proudhon*, 1847, p. 113).” (MARX, 2006 [1867], livro 1, volume I, *nota de rodapé número 33*, p. 103)

A partir destes elementos apresentados, deriva-se a afirmação de que uma característica crucial dos economistas clássicos, na opinião de Marx, seria a sua identificação de classe, seu posicionamento burguês, ou seja, possuíam – utilizando uma nomenclatura que representa este posicionamento sem entrar no amplo e pantanoso debate acerca da ideologia – *uma visão de mundo burguesa*.

É importante afirmar que não se pretende fazer reducionismo da obra dos clássicos por conta de seu posicionamento burguês, muito menos era esta a intenção de Marx. Maurice Dobb apresenta muito bem esta questão na seguinte citação:

“Sabe-se que Marx falou da escola de economia política clássica (termo que ele próprio criou) como de ‘escola burguesa’. Mas não

pretendeu de modo algum pôr de parte as suas doutrinas, por serem completamente negativas e produto de ‘falsa consciência’: de facto, destacou elogiosamente o avanço que o seu pensamento representou e a visão científica de que deram provas quanto à natureza da sociedade económica (embora dentro ‘dos limites para além dos quais ‘o seu pensamento’ não podia passar’). Mesmo quanto ao período posterior a 1830, do qual falou como de ‘economia vulgar’, teve o cuidado de discriminar, e de modo nenhum tratou todos os economistas como ‘campeões a soldo’ ou ‘massa reacionária homogênea’ (dizendo de John Stuart Mill e outros como ele, por exemplo, que ‘seria um grande erro classificá-los juntamente com o rebanho de apologistas económicos vulgares’).” (DOBB, 1977 [1973], p. 43-44, *sic.*)

Para Marx, o exclusivo fato destes autores serem burgueses não invalidava *a priori* suas formulações. Mas este posicionamento de classe pode impor limites – “horizonte burguês de análise” – às teorias e interpretações destes autores. Adquirindo, desta maneira, um papel relevante na construção de suas teorias, conforme destaca Marx “a economia política burguesa, isto é, a que vê na ordem capitalista a configuração definitiva e última da produção social, só pode assumir caráter científico enquanto a luta de classes permaneça latente ou se revele apenas em manifestações esporádicas.” (MARX, Posfácio da segunda edição de *O Capital*, Marx, Londres, 24 de janeiro de 1873, *In: O Capital*, 2006 [1867], livro 1, volume I, p. 22-23).

Os clássicos foram para Marx uma fonte teórica, conforme destacado por Lênin (2006 [1913]), uma das suas três fontes – junto com a filosofia alemã e o socialismo francês. Foram os autores que em sua opinião melhor compreenderam e analisaram o capitalismo de seu período, sem cair em muitos dos erros da chamada *economia vulgar*. No entanto, o estudo aprofundado por Marx de suas obras não os isentou de severas críticas. Marx analisava o mesmo objeto que os clássicos – a sociedade capitalista –, porém, partiam de pontos de vista bastante diferentes, seguiam métodos de análise distintos e tinham objetivos distintos ao analisar este objeto: Marx pretendia compreender a sociedade capitalista para poder realizar mudanças sociais nesta sociedade, enquanto os clássicos visavam melhorar e alavancar esta sociedade.

Os estudos de Marx acerca da obra de David Ricardo (1772-1823) são extremamente simbólicos desta análise de Marx acerca da economia política clássica, cabendo neste artigo uma exposição, sintética e a título de exemplificação desta análise.

Karl Marx considerava David Ricardo um dos maiores pensadores da economia política clássica britânica, havendo referências e reverências a este pensador em diversas passagens de suas obras. Por exemplo, no posfácio à segunda edição do volume I de “*O Capital*” (1873), Marx se refere a Ricardo como “o último grande representante” da escola clássica (*ibid.*, *id.*, p. 23) e no livro *Grundrisse*, Marx descreve Ricardo como “o economista *por excelência* da produção” (MARX *apud* DOBB, 1977 [1973], p. 43, *itálicos originais do autor*).

A interpretação da obra de Ricardo realizada por Marx é tomada neste artigo como um caso exemplar da análise de Marx no campo da história do pensamento econômico, como também da manifestação do posicionamento de classe na construção do pensamento econômico de um determinado autor, que não necessariamente implica em um reducionismo teórico, mas que caracteriza a construção de suas idéias. Nas palavras de Marx no livro “*Contribuição à crítica da economia política*”, “ainda que envolvido nesse horizonte burguês, Ricardo faz a dissecação da economia burguesa – que é muito mais distinta em suas profundezas do que parece na superfície – com tal agudez teórica” (MARX, [1859] 2008, p. 88).

Para Marx, Ricardo foi o ápice da formulação teórica da economia política clássica, o autor onde as formulações deste grupo encontraram seu auge, mas também seu limite teórico, associado aos limites do “horizonte burguês de análise”. Marx no posfácio à segunda edição inglesa de “*O Capital*”, afirma que em Ricardo a economia política clássica encontra este limite, não havendo como desenvolver teoricamente as questões que ainda estavam sendo construídas do ponto de vista da concretude da realidade história do seu período e da luta de classes:

“Vejamos o exemplo da Inglaterra. Sua economia política clássica aparece no período em que a luta de classes não estava desenvolvida. Ricardo, seu último grande representante, toma, por fim, conscientemente, como ponto de partida de suas pesquisas, a oposição entre os interesses de classe, entre o salário e o lucro, entre o lucro e a renda da terra, considerando, ingenuamente, essa ocorrência uma lei perene e natural da sociedade. Com isso, a ciência burguesa da economia atinge um limite que não pode ultrapassar.” (MARX, 2006 [1867], livro 1, volume I, p. 23)

Um outro aspecto interessante para exemplificação da análise de Marx acerca da economia política clássica e também do papel que a visão de mundo de um determinado autor exerce na construção de seu pensamento econômico encontra-se na análise da caracterização do modo de produção capitalista feito por Ricardo.

Marx recolhe dos textos de Ricardo que na sua opinião (de Ricardo), o modo de produção capitalista é o “o mais vantajoso para a produção em geral, o mais vantajoso para a geração da riqueza” (Marx, 1980 [1905], volume II, p. 549). Marx vai ainda mais longe e afirma que para Ricardo o modo de produção capitalista “quer a produção pela produção, e está certo” (*ibid.*, *id.*, p. 549). Nesta questão busca destacar que Ricardo percebe a dinâmica do sistema como aquela em que a produção existe pela necessidade de geração e expansão da riqueza. Neste aspecto ambos reconhecem o mesmo movimento de dinâmica do sistema capitalista, com Marx afirmando que “produção pela produção significa apenas desenvolvimento das forças produtivas humanas, ou seja, *desenvolvimento da riqueza da natureza humana como fim em si.*” (*ibid.*, *id.*, p. 549, *itálicos originais do autor*).

Neste sentido, ainda que tenham visões de mundo e objetivos de sociedade distintos – Ricardo não somente era um defensor do capitalismo, como também desenvolvera suas análises de modo a pensar em formas de melhorar e favorecer o desenvolvimento deste sistema – Ricardo e Marx ao analisar o capitalismo, o mesmo objeto, reconheciam no movimento de desenvolvimento das forças produtivas um processo central para o capitalismo e sua análise.

Conforme se percebe nestas passagens, esta consideração da “produção pela produção” de Ricardo, ainda que seja um elemento fundamental, se apresenta como uma percepção científica da dinâmica do objeto real e concreto, no entanto, ao tomar sentido de norma em seu argumento, revela seu limite de “visão de mundo burguesa”.

Esta questão da normatização feita pelos clássicos possui um caráter ideológico que deve ser destacado. Ricardo observa bem a essência do capitalismo – o foco na expansão da riqueza é um elemento que Marx também destaca e faz parte de uma análise científica da sociedade capitalista – mas, ao transformar este movimento descritivo da essência do sistema em um movimento de normatização, isto é, ao tornar o movimento típico do capitalismo em um movimento que deva orientar toda a sociedade – seria o movimento ápice da sociedade – revela seu caráter burguês.

Marx expõe claramente a existência desses elementos da visão de mundo de Ricardo, no entanto, o aspecto científico da obra de Ricardo possui maior relevância:

“Assim, a dureza de Ricardo constituía *probidade científica* e se impunha *cientificamente* de seu ponto de vista. Por isso, para ele tanto faz que o desenvolvimento ulterior das forças produtivas liquide propriedade da terra ou trabalhadores. Esse progresso, mesmo que desvalorize o capital da burguesia industrial, é-lhe por igual bemvindo. Se o desenvolvimento da força produtiva desvaloriza de metade o capital fixo *existente*, que importa, diz Ricardo. Duplicou a produtividade do trabalho humano. Há portanto *probidade científica*. Se no todo a concepção de Ricardo se ajusta ao interesse da *burguesia industrial*, isto se dá somente *porque e até o ponto em que* esse interesse coincide com o interesse da produção ou do desenvolvimento produtivo do trabalho humano. Quando se opõe a esse interesse, a *impiedade* de Ricardo contra a burguesia é a mesma das outras ocasiões em que ele é contra o proletariado e a aristocracia.” (*ibid.*, *id.*, p. 550, *sic.*)

Torna-se possível notar como Marx percebe as nuances da análise de Ricardo. Marx destaca a cientificidade nesta análise, como também seu ponto de vista burguês, mas que não se organizava acriticamente, sendo uma visão burguesa que tem como sentido o desenvolvimento do capitalismo, acima de qualquer apologética superficial ao projeto burguês (no caso, da burguesia industrial). É interessante notar que esta passagem evidencia que o caráter burguês de Ricardo é tão forte que chega a criticar a própria classe que representa, quando esta classe cai em movimentos semelhantes aos da aristocracia que combate – manutenção do *status quo* – e que possam vir a impedir a concretização do movimento essencial da produção capitalista, a geração e expansão da riqueza.

Ao observar e compreender os estudos de Marx a respeito da economia política clássica como um todo – e da obra de David Ricardo de forma específica – é possível perceber que a abordagem para a história do pensamento econômico desenvolvida por Marx ao longo de suas diversas obras no campo da crítica da economia política está baseada na exposição dos elementos que constituem o pensamento econômico como um resultado da relação indissociável entre a análise da realidade histórica deste determinado tempo histórico e a visão de mundo sobre a qual esta análise é feita, com todas suas características, sejam estas limitadoras ou não.

V – Considerações finais

Este artigo teve como principal objetivo expor, sinteticamente, os principais elementos que constituem a análise em história do pensamento econômico desenvolvida por Karl Marx ao longo de sua produção teórica, elemento analítico, comparativamente, pouco debatido dentro da tradição marxista. Buscando-se, desta forma, desenvolver a curiosidade acerca deste campo e também da obra “*Teorias da mais-valia*” – considerada de fundamental importância neste campo.

A análise de Marx acerca da economia política clássica é, conforme exposto neste artigo, um exemplo de construção de análise da história do pensamento econômico dentro deste campo crítico. Os autores clássicos foram, na opinião de Marx, os que melhor compreenderam a essência do capitalismo dentre os demais autores contemporâneos ou anteriores estudados por Marx, afinal, os clássicos perceberam os movimentos concretos que caracterizam a sociedade capitalista, dando destaque a questões essenciais, como a produção. A crítica marxiana a suas análises reside em sua caracterização, marcada e cerceada por visão de mundo burguesa. Através da análise de Marx sobre a economia política clássica buscou-se, portanto, expor os elementos que constituem sua análise em história do pensamento econômico.

A título de síntese, é possível afirmar que a análise em história do pensamento econômico utilizada por Marx tem como eixo central a compreensão do pensamento econômico como um resultado da relação indissociável entre a análise da realidade histórica e a visão de mundo sobre a qual esta análise é feita. A construção da história do pensamento econômico seria, portanto, um processo de compreensão das formas de apreensão da realidade econômica estruturada em cada tempo histórico específico, substancialmente influenciada e determinada pelos valores sociais desta determinada época. Esta abordagem no campo da história do pensamento econômico é uma abordagem que tem nos elementos históricos, sociais, políticos e ideológicos elementos indissociáveis da formulação teórica, sendo sua análise formulada a partir da compreensão da influência do tempo histórico e da visão de mundo do autor sobre sua obra e suas idéias.

Explorar a relação entre ideologia, teoria e história do pensamento econômico, recuperando o nexo entre estas três instâncias do pensamento é um movimento que não segue as abordagens tidas como dominantes no meio acadêmico na área de história do pensamento econômico (estas abordagens tendem a separar elementos mais filosóficos, sociais e políticos das análises econômicas, de forma a buscar formulações mais “neutras” e “isentas” de elementos que não sejam considerados “científicos”).

Recuperar a análise em história do pensamento econômico desenvolvida por Marx, resgatando sua importância dentro da obra marxiana, assim como no âmbito da tradição marxista e também no campo da história do pensamento econômico significa recuperar uma noção de economia e, portanto, da teoria econômica e da história do pensamento econômico, que articula variados elementos constituintes da ciência que não são aqueles puramente analíticos, carregando consigo todas as possíveis contradições (teóricas, históricas e políticas).

Neste sentido, este artigo não reflete uma intenção de dar a última palavra neste debate. Na realidade, reflete o movimento oposto, que busca retomar o debate em torno da questão da história do pensamento econômico na obra de Marx – que encontra na obra de Isaak Rubin “*History of economic thought*” um de seus principais expoentes – de maneira a acrescentar questões e formulações dentro do campo da história do pensamento econômico crítica.

VI – Referências Bibliográficas

DOBB, Maurice. *Teorias do valor e da distribuição desde Adam Smith*. Trad. Álvaro de Figueiredo. Lisboa, Ed. Martins Fontes, (1977 [1973]).

IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre consciência e emancipação*, São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LÊNIN, Vladimir. As três fontes. In: LÊNIN, Vladimir. *As três fontes*. 3ª ed. São Paulo, Editora Expressão Popular, (2006 [1913]), p. 65-72.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. 9ª ed. São Paulo, Cortez Editora, (2009 [1985b]).

MALTA, Maria Mello de *et alii*. “A história do pensamento econômico brasileiro entre 1964 e 1989: um método para discussão”. In: MALTA, Maria Mello de. (coord.). *Ecos do desenvolvimento: uma história do pensamento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro, IPEA/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 23-52.

MALTA, Maria; CASTELO, Rodrigo. Marx e a história do pensamento econômico: um debate sobre método e ideologia. In: GANEM, Angela; FREITAS, Fábio; MALTA, Maria. (orgs.) *Economia e filosofia: controvérsias e tendências recentes*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2012, p. 85-100.

MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (1980 [1905-1910]).

_____. *O Capital: crítica da economia política*. Vols. 1-6. Trad. Reginaldo Sant’Anna. 24ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (2006 [1867-1894]).

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo, Editora Expressão Popular, (2008 [1859]).

MEEK, Ronald. *Economia e Ideologia*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, (1971 [1967]).

RUBIN, Isaak. *A history of economic thought*. London, Pluto Press, (1979 [1929]).

SANT’ANNA, Reginaldo. Nota do tradutor In: MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (1980 [Traduzido da edição russa de 1954]).

SCHUMPETER, Joseph. *História da Análise Econômica*. Trad. Missão Norte-Americana de Cooperação Econômica e Técnica no Brasil (USAID). Rio de Janeiro, USAID, (1964 [1954]).

TEIXEIRA, Aloísio. “Marx e a economia política: a crítica como conceito”. *In: Revista Econômica*, Vol. 2, n. 4, Dez. 2000, p. 85-109.

TOLIPAN, Ricardo. *A necessidade da história do pensamento econômico*. Rio de Janeiro, IE/UFRJ. (Texto para Discussão nº 3), 1982a.

_____. *A questão do método em economia política*. Rio de Janeiro, IE/UFRJ. (Texto para Discussão nº 5), 1982b.

_____. *A ironia na História do Pensamento Econômico*. Tese Professor Titular, Faculdade de Economia e Administração (FEA), Universidade Federal do Rio de Janeiro, julho 1988.